Democratas, prestem atenção: a paz é uma boa estratégia política[1]

Demócratas, presten atención: la paz es una buena estrategia política

Democrats, take note: peace is a good political strategy

Jeffrey D. Sachs

O recado dos eleitores é o mesmo em toda parte: a diplomacia é mais segura, mais eficaz e custa trilhões de dólares a menos do que a guerra.

Resumo: O resultado das eleições representou uma rejeição contundente à guerra de Trump contra o Irã e aos seus custos exorbitantes para a população norte-americana. Há dois anos, os eleitores rejeitaram as guerras do governo Biden na Ucrânia e em Gaza. Os eleitores israelenses rejeitaram as guerras irresponsáveis de Netanyahu, e os eleitores europeus também estão rejeitando os partidos que prolongam a guerra na Ucrânia. O recado dos eleitores é o mesmo em toda parte: a diplomacia é mais segura, mais eficaz e custa trilhões de dólares a menos do que a guerra.

Palavras-chave: Guerras; eleições americanas

Resumen: *El resultado de las elecciones representó un rechazo contundente a la guerra de Trump contra Irán y a sus costos exorbitantes para la población estadounidense. Hace dos años, los votantes rechazaron las guerras del gobierno de Biden en Ucrania y en Gaza. Los votantes israelíes rechazaron las guerras irresponsables de Netanyahu, y los votantes europeos también están rechazando a los partidos que prolongan la guerra en Ucrania. El mensaje de los votantes es el mismo en todas partes: la diplomacia es más segura, más eficaz y cuesta billones de dólares menos que la guerra.*

Palabras clave: *Guerras; elecciones estadounidenses*

Summary: *Two years ago, voters rejected the Biden administration's wars in Ukraine and Gaza. Israeli voters have rejected Netanyahu's reckless wars, and European voters are likewise rejecting parties that prolong the war in Ukraine. The message from voters is the same everywhere: diplomacy is safer, more effective, and costs trillions of dollars less than war.*

Keywords: *Wars; U.S. elections*

Na terça-feira, 3/11, eleitores de todos os Estados Unidos foram bastante claros ao impor uma derrota histórica ao trumpismo. O resultado das eleições representou uma rejeição contundente à guerra de Trump contra o Irã e aos seus custos exorbitantes para a população

[1] Texto original em inglês disponível em: https://www.commondreams.org/opinion/democratic-party-of-peace Tradução feita por Assistente de Inteligência Artificial, revisado por Carolina Leocádio.

norte-americana. Enquanto comemoram a vitória e a oportunidade histórica de restaurar a ordem constitucional dos Estados Unidos, os democratas deveriam levar a sério a mensagem antiguerra transmitida pelas urnas, pois sofreram o mesmo veredito há dois anos, quando os eleitores rejeitaram as guerras do governo Biden na Ucrânia e em Gaza. Na semana passada, os eleitores israelenses rejeitaram as guerras irresponsáveis de Netanyahu, e os eleitores europeus também estão rejeitando os partidos que prolongam a guerra na Ucrânia. O recado dos eleitores é o mesmo em toda parte: a diplomacia é mais segura, mais eficaz e custa trilhões de dólares a menos do que a guerra.

Na noite da eleição, Trump admitiu à Fox News: "Acho que uma parte disso foi o Irã". No dia seguinte, o vice-presidente JD Vance foi muito mais direto ao publicar no X: "O motivo da nossa derrota foi a guerra. O próprio presidente disse isso ontem à noite... todo mundo sabe por que perdemos". Na pesquisa AP Voter Poll, cerca de 60% dos eleitores disseram que a decisão de recorrer à força militar contra o Irã foi equivocada, e aproximadamente 90% afirmaram que o custo de vida foi um fator crucial ou importante em sua decisão de voto.

A guerra e o custo de vida estavam, evidentemente, profundamente interligados. Os preços da gasolina, que giravam em torno de US$ 2,80 por galão antes do início da guerra, em 28 de fevereiro, haviam subido cerca de 55% em meados de maio e alcançaram uma média mensal de US$ 4,43 em setembro. O rendimento dos títulos do Tesouro norte-americano com vencimento em dez anos passou de menos de 4% antes da guerra para mais de 5% no outono, e o Pentágono solicitou mais de US$ 200 bilhões em recursos suplementares para financiar a guerra. Todas as famílias com financiamento imobiliário, empréstimo para comprar um carro ou saldo devedor no cartão de crédito foram prejudicadas pela guerra.

O primeiro dever do novo Congresso é restabelecer sua autoridade constitucional sobre a guerra e seu poder sobre a destinação dos recursos públicos, a fim de garantir que as forças norte-americanas não voltem a ser enviadas para o combate no Irã ou em qualquer outro lugar por capricho de um presidente ou a pedido de grupos de pressão nacionais ou estrangeiros. Trump, naturalmente, deve se abster de retomar a guerra, que nunca foi, nem de longe, necessária ou justificável. Vale lembrar que, em 28 de fevereiro, dia em que Estados Unidos e Israel iniciaram a guerra, o ministro das Relações Exteriores de Omã, que mediava as negociações entre os Estados Unidos e o Irã, havia declarado que um acordo estava ao alcance.

Os democratas não devem imaginar que a lição antiguerra se aplica apenas aos republicanos. Kamala Harris perdeu em 2024 porque os eleitores responsabilizaram o governo Biden pelos custos de suas próprias guerras. O choque energético que se seguiu à escalada da guerra na Ucrânia, em 2022, elevou a inflação, e o preço da gasolina ultrapassou pela primeira vez a marca de US$ 5 por galão em junho daquele ano. Biden rejeitou por duas vezes negociações que poderiam ter encerrado o conflito: em dezembro de 2021, quando seu governo se recusou a negociar a ampliação da OTAN em resposta à proposta russa de um tratado de segurança; e em abril de 2022, quando as negociações de Istambul foram abandonadas por pressão dos Estados Unidos e do Reino Unido.

O genocídio em Gaza também teve um custo direto para os democratas. Entre os norte-americanos que votaram em Joe Biden em 2020, mas não em Harris em 2024, 29% apontaram o fim da violência de Israel em Gaza como o principal fator de sua decisão, tornando essa a questão mais citada. Os eleitores do partido avançaram muito mais rapidamente do que suas lideranças. Uma pesquisa do New York Times/Siena realizada em maio de 2026 constatou que

cerca de três quartos dos eleitores democratas são contrários à assistência militar e econômica dos Estados Unidos a Israel.

Os eleitores de toda parte estão transmitindo a mesma mensagem: paz por meio da diplomacia. Em 27 de outubro, após as guerras de Israel em Gaza, no Líbano e no Irã, Netanyahu perdeu a maioria parlamentar. Da mesma forma, os líderes europeus que se comprometeram com uma guerra sem prazo para terminar na Ucrânia estão sendo rejeitados pelos eleitores. Apenas 10% dos alemães estão satisfeitos com o chanceler Friedrich Merz, o índice mais baixo já registrado para um chefe de governo alemão. A aprovação de Emmanuel Macron caiu para 15% em outubro. Na Bulgária, Iliana Iotova, que defende o diálogo com Moscou, venceu a eleição presidencial de 1º de novembro com mais de 58% dos votos.

Um dos principais testes que os democratas terão pela frente será a questão da Ucrânia. O partido precisa abandonar sua postura habitual de demonização da Rússia e, em vez disso, apoiar uma solução diplomática para pôr fim à guerra.

Para começar, os democratas deveriam se lembrar dos motivos que deram origem à guerra. Em 1990, os Estados Unidos garantiram a Mikhail Gorbachev que a OTAN não avançaria "nem uma polegada para o leste". O governo Clinton descumpriu essa promessa. Em 2008, o governo Bush conseguiu aprovar a Declaração de Bucareste, segundo a qual a Ucrânia e a Geórgia "se tornarão membros da OTAN", apesar do alerta do embaixador William Burns de que essa era a mais intransponível de todas as linhas vermelhas para a Rússia. Em 2014, os Estados Unidos apoiaram o golpe contra o presidente eleito da Ucrânia, Viktor Yanukovych, como deixou claro a gravação vazada da conversa entre Nuland e Pyatt. Em abril de 2022, quando os negociadores em Istambul chegaram perto de um acordo de paz baseado na neutralidade ucraniana, Estados Unidos e Reino Unido intervieram para impedir que o acordo fosse firmado. Hoje, 75% dos ucranianos são favoráveis a negociações com a Rússia para pôr fim à guerra.

Diante dessas causas do conflito, apresentei recentemente uma proposta diplomática direta para alcançar a paz na Ucrânia e pôr fim à guerra. A OTAN encerraria sua expansão para o leste. A Ucrânia adotaria a neutralidade permanente, seguindo o modelo da Áustria em 1955. Seria estabelecida uma linha de armistício, com ambos os lados renunciando ao uso da força para alterá-la. A Ucrânia buscaria ingressar na União Europeia como Estado permanentemente neutro. Os democratas deveriam apoiar essa abordagem diplomática. É o caminho capaz de pôr fim à guerra, salvar a Ucrânia e conquistar o apoio tanto da população ucraniana quanto da norte-americana.

Acima de tudo, os democratas não devem confundir sua vitória com um mandato para promover suas próprias guerras. A nova maioria democrata deveria reafirmar rapidamente a autoridade constitucional do Congresso sobre a guerra e a paz, defender uma solução negociada para o conflito na Ucrânia, pôr fim ao apoio às guerras de Israel, reduzir o orçamento militar e redirecionar os recursos economizados para diminuir o custo de vida e sanear as finanças públicas.

Essas posições não são apenas corretas: também representam uma boa estratégia política. Para conquistar a Casa Branca em 2028, os democratas deveriam se tornar o partido da paz. Melhor ainda, os dois partidos deveriam se tornar partidos da paz e disputar a campanha de 2028 em torno de qual deles será mais capaz de atender às necessidades da população norte-americana: empregos dignos, custo de vida acessível, assistência médica, moradia, meio ambiente seguro e educação de qualidade.